

LIMITUDES



GUILHERME NUNES

É possível uma aliança
entre lucidez e alegria?

Somente Nele.

1 Os amigos
indesejáveis

2 Um amigo
chamado
perplexidade

3 Ministério é
desistir

4 A perda de
contraste

5 As últimas
palavras de
Lutero

6 Somos pastores

7 O orgulho
protetor

8 Os passos que
ainda não
andei

9 Dores
misteriosas

10 Um dia
lembrarei

11 Perguntas que
um dia eu
(talvez) farei

12 Chopin,
a tristeza e
a graça

13 Reflexões
sobre a
insônia

1

Os amigos
indesejáveis

Os amigos indesejáveis

De alguma forma, ainda temos a pretensão de que certas coisas nunca acontecerão conosco na vida pastoral. No ministério, dia após dia, aconselhamos, conversamos ou mesmo pregamos sobre vários tipos de assuntos, tocamos em várias questões da existência do outro, sejam elas simples, complicadas, ou alguma outra coisa não identificada, e, mesmo assim, parece que deixamos escapar que aquelas lutas que ajudamos os outros a lutarem podem se tornar as nossas próprias batalhas.

O que parece é que apesar de mentalmente sabermos da importância do cuidado pessoal - até porque lembramos do “cuida de ti mesmo” de Paulo - a maneira como andamos diante das batalhas dos outros, geralmente, pode ter um tom de “descuido” com nossa própria mente.

Agora, se por um lado começo afirmando do nosso descuido, preciso equilibrar as coisas, não podemos achar que toda batalha na mente foi ocasionada por descuidos ministeriais.

Não podemos achar que certas expressões de crise emocional são expressões de um erro na caminhada. Certos espinhos virão, não porque erramos, mas para nos prevenir do erro. Certas coisas virão, não porque desejamos, mas porque naturalmente encontraremos com esses amigos indesejáveis na estrada chamada “ministério”.

Logo, o nosso “descuido” pode acontecer, não porque falhamos diretamente de forma irresponsável, mas porque achamos que sempre conseguiríamos ficar ilesos. O que quero dizer? Não importa o quanto tenhamos cuidado, estamos em uma batalha, estamos expostos - seria ilusão achar que não seríamos tocados de alguma forma com aquilo que ajudamos os outros a lutar.

Nos encontraremos com eles, ironicamente, com os amigos indesejados.

“...seria ilusão achar que não seríamos tocados de alguma forma com aquilo que ajudamos os outros a lutar ”

2

Um amigo chamado
perplexidade

Um amigo chamado perplexidade

Um amigo indesejável no ministério é a ‘perplexidade’. O apóstolo se encontrou com ele (2 Co 4.8b [ἀπορέω]). Esse amigo possui várias características (6x no NT), mas existe uma que supera a todas, “estar em um estado de confusão mental” (BDAG, 119).

Encontrar com esse amigo é entrar em tempos de incerteza, como o próprio Paulo entrou em 2 Coríntios 1.8-11. Mas, por favor, não deixe escapar o ponto principal. Não existe nenhuma descrição em Paulo de que perplexidade é algo anormal no ministério. Ao contrário, pela forma que nos é descrita, principalmente pelo uso da primeira pessoa do plural, esse amigo é inescapável, muito embora não apareça sempre.

“...ficamos perplexos, mas não desesperados (2 Co 4.8b)”

Tempos de perplexidade não são incompatíveis com o ministério, ao contrário, eles são necessários. Ou você acha que essa declaração acima de não desespero do apóstolo foi algo que já veio pronto em seu ministério?

Não deixe passar o capítulo 1.

“Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio na Ásia, pois que fomos sobremaneira agravados mais do que podíamos suportar, de modo tal que até da vida desesperamos” (2 Co 1.8).

Os tempos de incerteza na Ásia trouxeram desespero, mas não só isso, trouxeram também experiência (descrita no capítulo 4.8b).

Não queremos nos encontrar com esse amigo, ele é indesejável, mas, de tempos em tempos, nunca esqueça, necessário.

Nos encontraremos com eles, ironicamente, com os amigos indesejados.

“...para que não confiássemos em nós mesmos, mas em Deus... (2Co 1.9)”

“Tempos de perplexidade não são incompatíveis com o ministério, ao contrário, eles são necessários”

3

Ministério é desistir

Ministério é desistir

Ministério é desistir.

Antes de explicar ou qualificar a afirmação acima, permita-me descrever uma das passagens mais intrigantes de 2 Coríntios.

“Ora, quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho de Cristo, e uma porta se me abriu no Senhor, não tive, contudo, tranquilidade no meu espírito, porque não encontrei o meu irmão Tito; por isso, despedindo-me deles, parti para a

Macedônia”

(2Co 2.12-13).

Paulo afirma claramente que o Senhor abriu uma porta para ele, mas o apóstolo não entra por ela. Sem tranquilidade no espírito, Paulo segue para a Macedônia.

A pergunta é óbvia, por que a ausência de Tito gerou essa reação emocional em Paulo a ponto dele não entrar pela porta que o Senhor abriu?

A resposta se concentra na pessoa de Tito, que traria para Paulo informações sobre como a Igreja de Corínto recebeu ou reagiu a sua carta “dolorosa”. Será que a igreja recebeu tão bem a sua carta a ponto de seguir todas as suas exortações, ou a igreja decidiu rejeitar a carta de Paulo e não seguir os processos disciplinares que foram requeridos? As respostas para essas perguntas eram cruciais para Paulo.

Paulo deixa de entrar por uma porta pois sua prioridade era impedir que uma outra se fechasse. Se em Trôade uma Igreja poderia ser “aberta”, em Coríntios uma Igreja poderia ser “fechada”.

Agora ficam claras as intenções de Paulo. Seu coração pastoral estava emocionalmente afetado, mas não foram suas emoções que fizeram ele não entrar por aquela porta, foram suas prioridades. Naquele momento, desistir da porta aberta era o certo, porque não era a prioridade naquele instante. Não era a batalha que deveria ser lutada.

“Naquele momento, desistir da porta aberta era o certo, porque não era a prioridade naquele instante”

Bem, o que quero dizer é que as emoções pastorais de Paulo reagem ao que era prioridade naquela situação (trocar essa ordem é loucura!). De tal forma, que ele estava pronto para desistir de certas batalhas, que, embora legítimas, não eram a sua prioridade.

Agora posso qualificar minha primeira sentença:

Ministério é desistir de certas batalhas, para lutar onde realmente importa.

Nem sempre desistir é sinal de covardia, ao contrário, ao selecionar as batalhas corretas, na verdade, me encontro com a sabedoria.

Aprenda a desistir.

“Ministério é desistir de certas batalhas,
para lutar onde realmente importa”

4

A p e r d a d e c o n t r a s t e

A perda de contraste

Ministério pastoral não é fácil. É perigoso. É uma guerra. É estar no jardim das aflições. É encarar grandes tempestades. São noites sem dormir. É solidão. Sim, o ministério pode ter tudo isso, mas não é somente isso. Ter isso em mente pode te livrar de desistir do que você não deve desistir.

O que chamo de perda do contraste são aqueles momentos nos quais as coisas boas são esquecidas. Quando o “claro” já não existe, e a escuridão é tudo que resta.

Se tudo é bom, não saberemos mais o quão bom é o bom porque não teremos o outro lado para compararmos. Somos criaturas que descobrem o valor das coisas quando as comparamos. Sem o outro lado, perdemos a noção do que a coisa realmente é.

Dizer que no ministério tudo é “colorido” é perder o valor das cores. Por outro lado, dizer que tudo é doloroso é perder o “valor” da dor, seu motivo, sua razão.

Quando esquecemos as bênçãos no ministério não conseguimos entender o valor dos vales.

Paulo nunca perdeu o contraste, mesmo no meio da dor. Portanto, lute pelo valor do “mas”.

“Mas temos esse tesouro em vasos de barro, para mostrar que este poder que a tudo excede provém de Deus, e não de nós. 8 De todos os lados somos pressionados, mas não desanimados; ficamos perplexos, mas não desesperados; 9 somos perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não destruídos. (2Co 4.7-10)”.

“Dizer que no ministério tudo é “colorido” é perder o valor das cores. Por outro lado, dizer que tudo é doloroso é perder o “valor” da dor, seu motivo, sua razão.”

5

As últimas palavras
de Lutero

As últimas palavras de Lutero

Nas anotações de Lutero no dia de sua morte, encontraram as seguintes palavras:

“Nós somos mendigos, essa é a verdade” [“Wir sind bettler. Hoc est verum”]

James M. Kittelson, *Luther the Reformer: The Story of the Man and His Career* (Minneapolis: Fortress Press, 1986, 2003), 297.

Não são palavras que se escrevem no final de um curriculum vitæ de sucesso. Mas esse é o verdadeiro tipo de sucesso que um pastor pode ter. Terminar os seus dias sem ser devorado pelas vaidades que cercam o ministério, e com a constatação, não comiseração, de que ele é necessitado.

Paulo nunca esqueceu quem ele era - “um vaso de barro” - e isso o livrou da síndrome da glória, aquela que leva a busca obsessiva pela atenção para nossos feitos.

O ministério mostrou a Paulo quem de fato ele era, um vaso de barro que pode ser quebrado, danificado pelo frio ou calor e não merece tanta atenção. Assim, Paulo aprendeu que quando Deus o equipou para seu ministério apostólico, ele não o transformou em algum tipo de super-homem ou anjo, imune ao perigo, intocado pelo cansaço ou pelo estresse.

Entretanto, lembre-se que a fraqueza de Paulo não pode ser confundida com vitimização. Ele não precisava fazer declarações do tipo “sou um pobre verme miserável” indicando pretensa humildade e fraqueza. Ele não tem que fingir ser um verme miserável para permitir que Deus seja Deus. Ele simplesmente vê que ele é humano, não sobre-humano, e não precisa sair de sua fraqueza humana para ser um apóstolo de Cristo.

Sua fraqueza não o fez menos chamado, ao contrário, o fez mais qualificado. Pois o reconhecimento de nossa fraqueza é uma parte crítica da nossa missão, e Deus têm formas bem dolorosas de nos fazer lembrar disso.

“Nós somos mendigos, essa é a verdade”

6

S o m o s p a s t o r e s

S o m o s p a s t o r e s

Existe uma certa expectativa que deveríamos tentar nos livrar o mais rápido possível, a de que sempre seremos interpretados corretamente.

Lidamos com assuntos da mente, então vão nos achar psicólogos.

Lidamos com a retórica, então vão nos chamar de filósofos.

Lidamos com pessoas, então vão nos achar coaches.

Lidamos com pessoas quebradas, então vão nos chamar de curadores.

Mas, não somos nada disso, somos pastores.

Não lidamos com o reino animal, mas com o espiritual. Não seremos mais relevantes se nos transformarmos em humanistas, na verdade, se negarmos a dimensão espiritual de nossa missão, perdemos a nossa missão.

Veja como Paulo sofreu com isso:

“2 Rogo-lhes que, quando estiver presente, não me obriguem a agir com audácia, tal como penso que ousarei fazer, para com alguns que acham que procedemos segundo os padrões humanos. 3 Pois, embora vivamos como homens, não lutamos segundo os padrões humanos. 4 As armas com as quais lutamos não são humanas; ao contrário, são poderosas em Deus para destruir fortalezas.

(2Co 10.2-4)”.

Por isso seremos mal interpretados, porque embora usemos a fala, não somos filósofos; nossa mensagem é poderosa. Embora, estejamos reunidos, não estamos em um Club, mas experimentando o privilégio da presença de Deus com o seu povo. Tocamos em coisas desse plano, a fala, a mente, o raciocínio, então, logo, seremos associados com áreas que também toquem esses pontos. Mas, não podemos diminuir a nossa missão na expectativa de sermos bem interpretados, ou de parecermos normais, se assim o fizermos, perdemos tudo. Na crise de demonstrar quem somos, não deveríamos lutar pelas semelhanças, mas deixar claras as diferenças

“se negarmos a dimensão espiritual de
nossa missão, perdemos a nossa missão.”

7

O orgulho protetor

O orgulho protetor

À s vezes pensamos que insensibilidade é sinal de maturidade. Mas nem sempre, às vezes é sinal de insanidade. Achemos que afirmar coisas como: “é normal, eu nem sinto mais“, é algo que automaticamente significa um nível superior no pastorado.

Não estou dizendo que certas coisas podemos superar. A pergunta não é sobre não sentir mais certas coisas, mas sobre que coisas não sentimos mais?

No diálogo com os “superados”, geralmente ouvimos: “estou blindado contra isso ou aquilo”. Mais uma vez, a pergunta é com o que você está coberto?

O orgulho pode nos blindar de sentir certas crises no ministério. Podemos superar as críticas, simplesmente não as aceitando, construindo ao nosso redor um muro chamado auto-justificação.

Podemos ignorar as nossas inerentes fraquezas simplesmente as desprezando.

Em 2 Coríntios, esperávamos um Paulo na defensiva, o que encontramos é um Paulo honesto com relação as suas fraquezas. Admitindo o que quase nunca admitimos em nosso ministério, nossos limites.

O orgulho pode nos ‘proteger’ de muitas coisas do ministério, mas sua proteção é uma mentira, porque ela se parece mais com uma torre no alto de um castelo, do que com as armaduras de quem aprendeu que na guerra, feridas são inevitáveis.

“O orgulho pode nos blindar de sentir certas crises no ministério. Podemos superar as críticas, simplesmente não as aceitando, construindo ao nosso redor um muro chamado auto-justificação. .”

8

Os passos que ainda
não andei

Os passos que ainda não andei

O título acima faz referência ao ser um pastor ainda jovem. Mas, antes de explicar essa relação, permita-me fazer uma confissão.

Durante algum tempo eu desacreditei que o ministério pastoral pudesse ser exercido na juventude. Não pense que a minha descrença veio por conta de algum desrespeito de outro contra mim. Ela veio, na verdade, por causa do meu próprio coração, e por ver as inconseqüências dos meu iguais.

Eu me recusava a aceitar o argumento do “...e Timóteo...?”

O argumento mais forte não estava em Timóteo, mas quem estava ao lado dele, Paulo.

Foi isso que me fez perceber que o problema não era o fato de Timóteo ser jovem, mas se existia um Paulo ao seu lado.

Feita essa confissão, podemos voltar para a explicação do título.

Eu defino ministério pastoral na juventude como “os passos que ainda não andei”.

A metáfora do caminho evoca duas coisas. Primeiro, aprendemos de alguém esses passos e, portanto, procuramos atentamente aprender. Mas (segundo), nunca devemos esquecer, que são passos que ainda não andamos, apenas ouvimos falar a respeito, e isso deve gerar em nós cautela, em todos os nossos passos.

Por isso precisamos de um Paulo, não apenas para ensinar os passos, mas para também andarmos ao seu lado. Talvez nesse ponto eu precise provocar um pouco. Eu já escutei muitos jovens dizerem que tinham seu Paulo, mas era mentira. Como eu sei? Simples, eles não andavam perto dele, ou na linguagem Paulina, eles não o seguiam de perto (2 Timóteo 3:10).

O jovem Timóteo precisa de alguém que o lembre que as pessoas vão desprezá-lo pelos motivos errados, mas que ele deve continuar pelos motivos certos. Acima de tudo, o jovem Timóteo deve andar desacelerado em seu ministério, pois é assim que a gente faz em estradas que ainda não andamos, mesmo sabendo de cor o mapa.

“o problema não era o fato de Timóteo ser jovem, mas se existia um Paulo ao seu lado”

9

D o r e s m i s t e r i o s a s

Dores misteriosas

O primeiro post desse blog foi sobre os “amigos indesejáveis” no ministério. Indesejáveis porque, em parte, não foram planejados, são “perplexidades” que apenas chegam em nossa vida (meu segundo post). “Coisas” assim, podem ser ‘dores mentais’ não planejadas, indesejáveis, mas inevitáveis, em certas vidas.

Quando me deparo com a questão das “dores mentais”, rapidamente, me deparo com uma velha questão, qual a causa disso tudo? Geralmente, somos ansiosos pelas causas porque elas de alguma forma aliviam um pouco a sensação de descontrole interno.

Estamos, na maioria das vezes, ansiosos para demonstrar aos ansiosos a causa de suas ansiedades.

Eu sei que existe um grande debate sobre intencionalidade, que passa por nomes como Franz Brentano, Edmund Husserl, John R. Searle, e Jean-Paul Sartre.

Mas, será que podemos concordar com Searle quando ele afirma:

“Alguns, nem todos, estados e eventos mentais têm intencionalidade. Crenças, medos, esperanças e desejos são intencionais; mas existem formas de nervosismo, euforia e ansiedade não direcionada que não são intencionais ... Minhas crenças e desejos devem sempre ser sobre algo. Mas meu nervosismo e ansiedade não direcionada não precisam, dessa forma, ser sobre nada.”

(John R. Searle, *Intentionality* (Cambridge: Cambridge University Press, 1983) p.1.)

Não sei se é tão simples como Searle coloca, pois sua observação de que alguns de seus nervosismos ou ansiedades simplesmente não são sobre alguma coisa, não significa que ele esteja certo. Será que ele é a melhor autoridade para analisar a causa, o motivo ou mesmo o objeto dessas sensações?

Entretanto, compreendo que algumas causas desconhecidas não falam tudo sobre o que é a minha ansiedade atual. “Ansiedades” podem ser passadas. Alguém que ficou com um trauma depois de uma batida de um carro, de forma que ao entrar em outro carro começa a se sentir nervoso, não faz do presente carro a causa da ansiedade, muito embora, seja o objeto intencional daquelas sensações naquele momento.

Outras vezes, o conteúdo da ansiedade não está ligado a sua causa. Eu posso tomar algum remédio que me dá uma sensação estranha com relação a alguma coisa ou alguém que não é a causa, mas, “o sobre” da minha ansiedade.

Um diabético pode ter uma ansiedade proveniente da diabetes, mas sua ansiedade pode não ser sobrediabetes, mas sobre outras coisas, ou até mesmo uma sensação desconhecida.

Meu ponto é simplesmente dizer o seguinte: falar para os outros sobre o que estamos ansiosos nem sempre é fácil. A causa e o “sobre” podem não ser tão claros, na verdade, podem ser totalmente obscuros.

Em alguns Salmos, temos uma mistura de causas sendo supostas, onde está o meu Deus?, em outros, a causa não é falada, mas o conteúdo da ansiedade é o foco, “minha alma se perturba dentro de mim”.

Me parece, então, que identificar a “causa” e o “sobre” são importantes, mas não são suficientes para curar a alma do salmista, nem a de Jó, que lutou com seus amigos.

Nem sempre a cura das sensações misteriosas estão em descobrir a sua causa ou na descrição do seu conteúdo.

Apesar de importante na aflição mental de um cristão, muitas vezes, não é o esclarecimento que o cura, mas o mistério, no silêncio de alguém ou Daquele que poderia esclarecer tudo, mas não o faz.

O motivo? Posso apenas suportar. Muitas vezes, não são os ouvidos da alma que sofre sensações misteriosas que importam - pois diante do mistério, as explicações perdem forças - no final de tudo, o que importa é onde estão os seus olhos.

“O motivo? Posso apenas suportar. Muitas vezes, não são os ouvidos da alma que sofre sensações misteriosas que importam - pois diante do mistério, as explicações perdem forças - no final de tudo, o que importa é onde estão os seus olhos.”

10

U m d i a l e m b r a r e i

Um dia lembrarei

Um dia lembrei que no céu, talvez, teremos memória

e não houve um sentimento próprio para a eternidade em meu coração.

Pois, ao meditar nas minhas memórias, percebi a vontade de apagá-las,

mas também de tê-las.

Pois nas alegrias das minhas lembranças, haviam sombras.

Eu quero as alegrias, mas não com suas sombras.

Mas como tirar as sombras, se elas fazem parte do que é a minha alegria?

Percebi que era difícil tirar parte da alegria, pois, em parte, algumas escuridões davam sentido às minhas alegrias, e sem elas, não havia sentido em minhas alegrias.

Então percebi

que na minha avaliação das minhas memórias havia pecado

e que nunca conseguirei aqui avaliar bem as sombras das minhas lembranças

mas que lá, naquele dia, não terei, talvez, memórias apagadas

mas, certamente, memórias redimidas

“Percebi que era difícil tirar parte da
alegria, pois, em parte, algumas
escuridões davam sentido às minhas
alegrias, e sem elas, não havia sentido
em minhas alegrias.”

Porém, redimidas não significa sem sombras

mas, de alguma forma,

amarei as sombras das minhas alegrias

Como?

Não sei.

O que sei é que nunca quero esquecer que um dia,

o que lembrarei não importa,

as amarei.

“...amarei as sombras das minhas
alegrias”

11

Perguntas que um dia
eu (talvez) farei

Perguntas que um dia eu (talvez) farei

Quando nos auto-avaliamos, necessariamente olhamos para trás. Quando somos jovens, o horizonte do passado ainda não está tão distante, a linha de partida pode ser facilmente vista.

Mas, e quando já tivermos a milhas de onde começamos? Quando o horizonte de partida já não é mais visto e o de chegada também ainda não pode ser avistado, mas está mais perto, que perguntas faremos diante de tudo que já corremos?

Como um pastor jovem não posso fazer essas perguntas como se já estivesse lá, mas quando eu estiver, como as responderei diante de tudo que já andei?

Então, olho para mim no futuro e, na curiosidade de saber como estarei, farei algumas perguntas que, estando lá, provavelmente eu farei.

Como você lidou com suas falhas? Você aceitou o que deveria aceitar e mudou o que tinha que mudar?

Como andam suas convicções? Se fortaleceram mais? Ou foram vendidas por atenção? Elas se parecem menos com teimosia?

Como anda sua família? Você esqueceu deles? Ou continua fiel às promessas que você jurou?

Você tem amigos verdadeiros? Ou está sozinho em seu orgulho? Quem está perto de você?

Você ainda tem medos? (Tomara que sim)

“Como andam suas convicções?”

Você ainda admira alguém de perto? (Tomara que sim)

Seu coração ainda acelera minutos antes de subir para pregar?

Você está mais confiante em você? (Tomara que não)

Você ainda luta por um vida oração?

Você ainda estuda ou acha que sabe tudo (tomara que não)?

Você já sabe quais perguntas deveria ter se perguntado antes e quais deve perguntar para si mesmo daqui a dez anos?

“Você está mais confiante em você?
(Tomara que não)”

12

Chopin, a Tristeza e a Graça

Chopin, a Tristeza e a Graça

Certas coisas fogem de nós sem deixar rastros. Elas vêm e vão na mesma velocidade, e da mesma forma, indecifrável. Uma dessas coisas pra mim, é o meu senso de prazer estético. O prazer da apreciação.

Mas, veja, não estou falando do ato de apreciar em si, mas do prazer do belo.

Em momentos confusos, cinzentos, onde a realidade passa a morar somente dentro de um mundo confuso chamado “eu”, existe de tudo, menos valor estético.

O resultado disso não é apenas deixar de apreciar algo, mas perder o senso de apreciação da própria vida, dos seus sonhos, das suas ambições, das suas glórias e até dos seus grandes momentos.

Alguns dizem que em momentos assim Chopin tocava e, geralmente, eram nesses momentos que nasciam suas mais penetrantes obras.

Por que ele fazia isso? Bem, permita-me projetar em Chopin, um dos meus remédios.

Ouvir Chopin - ouvir músicas, inclinar o ouvido para melodias - me ajuda a recobrar o valor do prazer estético que se foi. Ao ouvir os seus Noturnos, olho para uma simples flor e me lembro que ela não apenas existe, mas existe de forma bela.

Ele não precisa tocar melodias sempre alegres, pois, até nas mais melancólicas, ele não deixa de me apresentar o belo. Ele me lembra que eu não preciso ficar sempre em picos de alegria ou vales de tristeza, pois existem muitas outras sensações próprias da alma humana.

O salmista fala de Deus como sendo sua canção noturna. Com os salmos aprendo que a música é um dos meios pelos quais Deus deixa seus sinais, seus lembretes da Graça, de que ele não fez o mundo ‘preto e branco’.

“...existem muitas outras sensações
próprias da alma humana”



Assim, Deus me deixou algo não apenas para tocar ou ouvir, mas para apreciar, para recobrar o meu senso do prazer estético.

À s vezes, Deus nos presenteia com algo assim além da música, um sorriso, uma dança de Ballet, como a Valsa das flores de Tchaikovsky. Mas, para mim, não posso negar, um dos presentes foi Chopin.

Mas, não me interprete mal, a música não é a minha cura, mas um lembrete que, quando leio, lembro que por trás da feiura das cores cinzas da solidão, naquelas melodias intensas, “as belezas que passam da alma para as mãos do artista procedem daquela Beleza que está acima das nossas almas e pela qual a minha alma suspira de dia e de noite” (Santo Agostinho: Confissões. São Paulo: Paulus, 2002, p.454.)

“... a música não é a minha cura, mas um
lembrete...”

13

Reflexões sobre a insônia

Reflexões sobre a insônia

Adoramos soluções simples.

Está ansioso? Então, dizem: “pare de ficar ansioso”.

Está com medo? “pare de ficar com medo”.

Está com insônia? Então, durma.

À s vezes, precisamos da simplicidade, mas nunca como uma fuga da complexidade.

Começo assim porque a insônia é do tipo de problema aparentemente simples, mas confuso, estranho, doloroso, que, muitas vezes, respostas simples são, na verdade, um insulto.

À s vezes, o próprio que sofre participa do insulto, dizendo, simplesmente, “não preciso dormir”, ou como Clemente de Alexandria falou:

“Não existe utilidade em um dorminhoco , assim como não existem para um morto. ... Porém, quem é mais propício para viver uma vida verdadeira e para receber sentimentos mais nobres, ficará acordado o maior tempo possível”

Por outro lado, não me vejo na noite de insônia como alguém que deseja produzir, porque por mais que a insônia veja no escuro, a grande verdade é que ela nada vê. Pois, penso como Maurice Blanchot em *The Writing of the Disaster* (1980)”

“Durante a noite, a insônia é discussão, não o trabalho de argumentos batendo contra outros argumentos, mas o tremor extremo de nenhum pensamento, quietude percussiva”

Como posso pensar melhor sobre a insônia?

Talvez meus pensamentos sobre insônia não sejam atraentes a todos, mas espero que sejam aos poucos acordados como eu.

Noites sem dormir podem vir de várias formas. Talvez minha mente queira soluções, ou mesmo, privar-me do descanso atrás da verdade.

Ela deseja converter preocupações em análise. Pelo menos, uma aparente análise.

Noites sem dormir podem vir de várias formas. Talvez a minha mente não tenha intencionalidade nenhuma, apenas vê uma abertura ao insight. Sim, isso é um “Elogio à Insônia” (1976). Ela nada mais é do que uma oportunidade à reflexão.

Não posso parar por aqui, não quero insultar a insônia.

Noites sem dormir podem vir de várias formas. Talvez minha mente não veja a insônia de forma tão “positiva”, como as formas descritas acima. Pois, no fundo, eu sei, a insônia também é egoísta. Não tem como ter as reflexões na insônia sem perigo.

Reconheço que a insônia tem momentos de extraordinária lucidez, mas também possui armadilhas e delírios de grandeza.

Alguma coisa nela está constantemente gritando “você não faz parte dos comuns”. Esse é “o orgulho intelectual da insônia”

“... Não tem como ter as reflexões na
insônia sem perigo...”

Mas, lembre que seus elogios são perigosos e, na verdade, muitas vezes, mentirosos.

Pois, às vezes, noites sem dormir podem vir de várias formas, mas, talvez, ela seja mais dolorosa do que parece. Não tem como viver as noites sem sair marcado por elas, primeiro por um fanatismo, depois, como todo ídolo, você sai ferido - solidão, vendaval e o cais vazio.

Nesse lado sombrio, sou apresentado à “realidade”, a uma suposta lucidez que, como a filosofia, nos leva a perguntar “é possível uma aliança entre lucidez e alegria?”(E. M. Cioran). Por sinal, alguns dizem que a insônia nasceu junto com a filosofia.

Nos final das contas, o problema da insônia não é a simples noite sem dormir.

No final, o problema é o que ela faz com você. Por um lado, “te mostra mais saber que os dias consumados no repouso” (Cioran, Breviário de Decomposição, p.164). Por outro lado, ela tem um preço.

Nem sempre vou entender a insônia [nem sempre vão entender a sua insônia], mas tenho que admitir, nem sempre ela não será bem-vinda. Ela me deu muita coisa: a mais preciosa que, muitas vezes, admito, me esqueço, a oportunidade de conversar com um Amigo, Jesus.

Ele dormiu no meio da tempestade. Mas ficou acordado no Getsêmani.

Porque ele ficou acordado no Getsêmani, eu posso dormir nas tempestades.

Porque na realidade turbulenta que a insônia desperta em mim, existe alguém que permanece comigo, não porque estou consciente que Ele lá está, mas que mesmo “esquecendo” da sua presença, Ele lá está.

“É possível uma aliança entre lucidez e alegria?” Somente Nele.

Nem sempre a noite será boa, mas lembre-se, o natal nasceu com insônia, mas ainda assim, é natal.

Por causa do Evangelho, não das noites em claro, Boa noite, Feliz Natal.

<https://limitudes.home.blog>